

A PROSA EXPERIMENTAL DE AMBROSE BIERCE

realismo e antirrealismo em sua ficção de guerra

José dos Santos
UFMG

RESUMO

Os contos de Ambrose Bierce (1842-1914?) receberam e ainda recebem pouca atenção da crítica literária tanto estadunidense quanto internacional. Uma das razões por ter sido excluído dos círculos literários da época, segundo os estudiosos, foi seu temperamento beligerante e confrontador. O desdém e sarcasmo com que se dirigia às figuras ilustres de seu tempo estão bem registrados nos jornais onde trabalhou como escritor e editor. No entanto, o aspecto experimental e vanguardista de sua prosa tem sido apontado como o principal elemento de sua exclusão dos ambientes literários. Este texto tem por objetivo examinar alguns contos de guerra de Bierce visando apontar elementos que o colocaram como um escritor à frente de seu tempo. Serão aqui examinadas as estratégias literárias que Bierce utiliza ao questionar a visão racional e dualista da mente e dos processos cognitivos.

PALAVRAS-CHAVE

Bierce, realismo, cognição

Ambrose Bierce está sem dúvida entre as figuras mais controversas no cenário literário dos Estados Unidos no final do século XIX. Sua carreira como jornalista e escritor sempre foi envolta em conflitos com figuras públicas da época como políticos, líderes eclesiásticos, socialites e colegas de profissão. Crítico implacável das tendências filosóficas, culturais e literárias de seu tempo, utilizou os jornais onde trabalhou para atacar sem piedade não só aspirantes a escritores bem como veteranos aclamados pela crítica do seu tempo. Muito conhecidos são seus ataques a escritores de renome como William D. Howells, Henry James, Oscar Wilde, entre outros. Seu temperamento beligerante e atitude confrontadora renderam-lhe, além de muitas inimizades, o apelido de “Bierce amargo” (“bitter Bierce”).

Se em sua carreira como escritor alterações e polêmicas abundam, com relação a sua morte o que não falta é mistério. Conta a historiografia que Bierce, sobrecarregado por problemas familiares, pessoais e mesmo profissionais, decidiu deixar sua família e viajar pelos locais onde lutou na guerra civil estadunidense. Em outubro de 1913, o septuagenário Bierce parte então de Washington D.C. em direção a várias cidades do

sul dos Estados Unidos. Relatam seus biógrafos que após alguns meses de jornada, Bierce atravessou a fronteira do México, então em meio a uma guerra civil, e juntou-se ao exército do revolucionário Pancho Villa. Tudo o que se sabe da razão pela qual o fez está em uma carta que enviou a sua irmã pouco antes de sair do país. Nesse último contato disse que preferiria morrer fuzilado a cair de uma escada ou morrer no leito de uma cama.¹ Acredita-se que tenha morrido em 1914, mas não é possível fazer qualquer afirmação nesse sentido. O que existe são conjeturas das mais variadas, que têm povoado o imaginário de curiosos e serviram inclusive de inspiração ao escritor mexicano Carlos Fuentes para escrever *Gringo Viejo* (1985), um romance acerca da estada de Bierce junto ao exército revolucionário bem como seu desaparecimento. O romance serviu mais tarde como base para o filme *Old Gringo* (1989).

Controvérsias e mistérios à parte, o que críticos percebem hoje ao examinar a produção literária de Bierce é a presença de um escritor extremamente cuidadoso com a sua arte. Seus personagens são dotados de profundidade psicológica e seus enredos tratam de temas que vão do sobrenatural, sinistro e gótico às auguras da guerra civil que devastou o sul dos Estados Unidos na segunda metade do século XIX. Para Bierce, o que parece importar são os tipos de sensações que vai causar no leitor – choque ou deleite, prazer ou repúdio, medo ou bravura. No entanto, o que mais impressiona a crítica é a maneira como Bierce constrói um *corpus* sem se deixar levar pelas tendências literárias de seu tempo. Embora tenha produzido uma narrativa extremamente detalhista, objetiva e minuciosa, como em seus contos de guerra, por exemplo, sempre fez severas críticas ao então realismo e naturalismo popular entre seus contemporâneos. Crítico ferrenho da crença exacerbada no racionalismo e empirismo como paradigmas na construção de pressupostos artísticos, Bierce salienta a impossibilidade de se eliminar o elemento humano em configurações da realidade. Insiste que “somos dominados por nossas imaginações e nossas visões são criaturas de nossos pontos de vista”; “Percebo que a mente científica tem uma imaginação própria”.² Sendo assim, a literatura tem seus próprios paradigmas, isto é, deve permanecer na esfera da imaginação e jamais sucumbir às pressões do discurso científico. Para Bierce “a ficção não [tem] nada a dizer sobre probabilidade; o bom escritor não [presta] a isso um só momento de atenção, exceto para fazer algo parecer real na leitura – *parecer verdadeiro*”.³

Embora existam evidências em abundância mostrando o antagonismo de Bierce para com o cientificismo que dominou as artes em seus dias, por muito tempo a crítica insistiu em ignorar seus comentários e concentrou-se no aspecto mimético de suas narrativas. Focando em aspectos biográficos, seus contos eram examinados mais como retratos da topografia e batalhas onde atuou do que como reflexões de suas posições filosófico-literárias. Era lido, além disso, como um mestre da sátira e da ironia, principalmente à luz de publicações como *O dicionário do diabo*, em que zomba das mazelas e fragilidades humanas. Quanto aos contos de teor macabro e gótico, a crítica nunca soube direito como lidar

¹ MORRIS. *Ambrose Bierce: Alone in Bad Company*, p. 249.

² BIERCE. *Fin de siècle*, p. 139-141.

³ BIERCE. *The Short Story*, p. 247. Todas as traduções dos textos críticos utilizados são de minha autoria.

com eles. Não é de se admirar, portanto, que Bierce tenha ficado tanto tempo às margens do cânone, atraindo para si de tempos em tempos apenas pequenos grupos de curiosos por sua arte. Somente nas últimas décadas do século XX, na esteira da pós-modernidade, é que se veio a reconhecer Bierce como um escritor muito à frente de seu tempo.

Seguindo este raciocínio, este texto se concentrará em seus contos de guerra e argumentará que apesar do teor aparentemente mimético que apresentam, neles, Bierce está engajado em um projeto crítico bem mais abrangente. Aqui ele não apenas critica o reduativismo das tendências filosófico-literárias de final de século XIX, mas articula também uma cosmovisão que vai na contramão do que se defendia então pelo racionalismo e empirismo popular nos meios literários. Ao contrário das concepções racionais que descreviam a mente como um agente autônomo, autossuficiente e desvinculado das emoções humanas, Bierce defende uma visão na qual esta é uma entidade incorporada que opera em conjunção com as pré-disposições, interesses e tendências de cada indivíduo. Nessa concepção, a mente e o corpo atuam em sincronia, o que coloca em xeque a tradicional dicotomia racionalista que separa essas duas esferas da experiência humana. Consequentemente, de uma perspectiva epistemológica, postulados do conhecimento não são simplesmente produtos de operações racionais estabelecidas *a priori*, mas postulados oriundos de *práxis*, isto é, vinculados a experiências no mundo real. É na interação semiótica entre sujeito e mundo que a mente sintetiza, organiza e estabelece configurações da realidade. Bierce rompe assim drasticamente com a visão racionalista e empirista de literatura endossada pela maioria de seus contemporâneos (William D. Howells, Henry James, Frank Norris, entre outros) ao privilegiar imaginação, subjetividade e anticientificismo ao mimetismo e objetividade.⁴

A visão de que conhecimento não é produto de processos racionais estabelecidos *a priori* é muito bem articulada em “Chickamauga”, conto que tem como pano de fundo um confronto durante a guerra civil.⁵ Aqui, nas entrelinhas de descrições vívidas dos horrores da batalha, percebe-se um autor articulando uma noção anticartesiana da mente ao retratar fenômenos mentais como atividades fundamentalmente atreladas ao contexto, códigos e valores que norteiam um indivíduo e sua cultura. Como Davidson assinala, “a narrativa apresenta uma análise sustentada do (...) relacionamento entre concepções prévias, condicionamentos duvidosos, retóricas falsas e experiência e comportamentos reais”.⁶

O conto narra a história de um menino de cerca de 6 anos que desde cedo foi habituado a acalentar fantasias de guerra. Dos seus antepassados, salienta o narrador, seu espírito herdou o desejo pela guerra, desejo esse que atravessou o oceano e permaneceu na família. Mais recentemente, seu pai, que fora soldado, havia “lutado contra selvagens nus e acompanhado a bandeira de seu país à capital de uma raça civilizada no extremo Sul”.⁷ A narrativa aponta que esse espírito bélico ainda podia ser

⁴ BAHHR. Ambrose Bierce and Realism, p. 158.

⁵ As traduções de citações dos contos de Bierce discutidos neste ensaio são de minha autoria.

⁶ DAVIDSON. *The Experimental Fictions of Ambrose Bierce: Structuring the Ineffable*, p. 41.

⁷ BIERCE. *Chickamauga*, p. 313.

visto em sua casa nos vários livros militares e fotos penduradas na parede. Foram esses objetos que inspiraram o garoto a fazer uma espada de madeira e adentrar à floresta em perseguição a um inimigo imaginário. Lá ele se imagina em meio a uma batalha e chega a cruzar um riacho, ultrapassando assim os limites de segurança. É a partir desse ponto que a narrativa toma contornos dramáticos ao colocar o garoto frente a frente com uma procissão estranha passando a poucos metros de si:

Eram homens. Arrastavam-se com as mãos e joelhos. Eles usavam suas mãos apenas, arrastando suas pernas. Usavam seus joelhos apenas, seus braços pendurados pelos lados. Esforçavam-se para ficar em pé, mas não conseguiam. Não faziam nada naturalmente, e nada parecido, exceto avançar a pé na mesma direção.⁸

O narrador continua explicando que dúzias deles se arrastavam em direção ao riacho. Ao chegar lá, alguns se afogavam nas águas rasas. Outros, incapazes de chegar e matar a sede, morriam no caminho. Alguns paravam e agiam como se estivessem orando. O narrador explica que o menino, sendo inexperiente, não percebia todos esses detalhes.

A narrativa salienta que da perspectiva do garoto, a procissão era grotesca, mas não totalmente estranha. De fato, o fazia “lembrar dos palhaços pintados que havia visto no circo no verão anterior (...)”⁹ e dos escravos de seu pai, sobre os quais costumava montar como se fossem cavalos. Mesmo sem entender o que está acontecendo, o protagonista se lança intuitivamente na frente do estranho batalhão e pretende ser o comandante deles. O narrador, mais uma vez, intervém e aponta detalhes que o menino não conseguia perceber, como por exemplo, a variedade de objetos espalhados por toda a parte como cobertores e rifles quebrados. O chão havia sido pisoteado duas vezes por tropas atacando e saindo em retirada enquanto esse dormia devido a fadiga.

A conclusão da história é dramática e ao mesmo tempo epifânica. Ao conduzir o estranho batalhão, o garoto nota uma coluna de fumaça e fogo e decide caminhar naquela direção. Ao se aproximar, percebe, para sua surpresa, que o local em chamas é sua própria casa e que o corpo mutilado é de sua mãe. A narrativa termina com uma revelação ao leitor também ao descobrir no final, pelos sons incompreensíveis que o protagonista emite, que esse é surdo-mudo.

Portanto, se por um lado “Chickamauga” retrata as mazelas e terrores da guerra, por outro examina a maneira como códigos culturais e linguísticos influenciam a percepção de um indivíduo e suas concepções de mundo. Isto é, Bierce sugere que o que normalmente se passa por conhecimento não é simplesmente um retrato objetivo da realidade, mas o produto de percepções condicionadas por códigos culturais, morais e mesmo valores estéticos. O filósofo e psicólogo William James, contemporâneo de Bierce e propagador da corrente filosófica conhecida como Pragmatismo, observou que se costuma conceber o pensamento como unidades individuais atreladas a objetos igualmente individualizados, quando na verdade, pensamentos funcionam em fluxo, isto é, carregam com ele as impressões de muitas outras coisas, conhecidas já ou ainda por vir. Desta forma, conclui James, “seria difícil encontrar na consciência concreta e

⁸ BIERCE. Chickamauga, p. 315.

⁹ BIERCE. Chickamauga, p. 316.

presente de um indivíduo um sentimento tão limitado ao presente que não tenha sequer uma partícula de algo acontecido antes”.¹⁰ James combate aqui a visão idealista da mente prevalecente no final de século XIX ao enfatizar o caráter contextual e relacional dos processos intelectuais.

Bierce, de forma semelhante, coloca as percepções humanas como operações dialógicas, atreladas a um contexto real e ao indivíduo e suas particularidades, como exemplificado no fato de o protagonista ter herdado de seu pai a paixão por instrumentos bélicos. Na verdade, salienta o narrador, tudo era fruto de longa tradição na qual heróis de guerra eram exaltados: “Pois o espírito dessa criança, nos corpos de seus ancestrais, tinha milhares de anos sido treinado a feitos memoráveis de descobertas e conquistas – vitórias em batalhas cujos momentos críticos eram séculos, cujos campos de vitória eram cidades de pedra polida.”¹¹ Bierce retrata, assim, a tendência bélica do protagonista como sendo fruto de uma cultura que idealizava a guerra e a via como a nobre exibição de coragem e bravura na conquista de terras e povos distantes. A floresta, para ele, simbolizava esse estranho lugar onde poderia mostrar sua valentia. Em sua concepção idealizada de guerra, sofrimento e perda não existiam.

Essa visão de conhecimento e concepção de mundo é ilustrada igualmente em vários outros momentos no conto. Por exemplo, assim que vê a estranha procissão de criaturas mutiladas se arrastando em direção ao riacho, o que lhe vem à mente são palhaços que vira no circo ou os escravos de seu pai. Aliás, foi isso que o fez saltar nas costas de um deles e fingir que estava andando a cavalo. As intervenções do narrador, ao contrário, retratam outra visão da realidade. Vindo de um meio diferente e tendo sido exposto a destruição da guerra, esse é capaz de mostrar o lado da batalha que o garoto era incapaz de enxergar. Assim, “Chickamauga” retrata a cognição como um processo atrelado ao mundo de experiências reais e fortemente marcado pelos contextos de cada indivíduo, e não como fruto apenas de abstrações ou operações racionais. Em outras palavras, há uma dimensão tanto qualitativa quanto dialógica no modo como sujeitos concebem e estabelecem juízos de valor acerca do mundo.

Ambrose Bierce continua rompendo com paradigmas idealistas e racionais em outro conto tendo como pano de fundo a guerra civil – “Uma luta árdua” (“A Tough Tussle”). Aqui ele também sustenta uma crítica ao reduativismo do modelo cartesiano ao retratar cognição como um fenômeno ligado a contextos e códigos socioculturais. Porém, nesse conto Bierce amplia sua postura crítica ao propor uma visão da mente como um agente incorporado, atuando fundamentalmente em sintonia com as predisposições, interesses e inclinações humanas. Fenômenos mentais, além de resultarem de interações do indivíduo com o ambiente, são também frutos de crenças individuais, pré-disposições e interesses pessoais. Há nessa concepção um forte componente biológico, além de cultural, no modo como sujeitos e mundo interagem.

“Uma luta árdua” tem como protagonista o racional e metódico Brainerd Byring, homem cuja determinação, formação e tenacidade o levam rapidamente ao cargo de segundo tenente de seu regimento. Embora tenha um medo mórbido de cadáveres, ele

¹⁰ JAMES. *Principles of Psychology*, p. 234.

¹¹ BIERCE. *Chickamauga*, p. 313.

se vangloria do fato de isso nunca tê-lo impedido de cumprir suas funções. Certa ocasião, conta o narrador, Brainerd fica encarregado de um grupo de homens cuja missão é proteger o acampamento durante a noite. Espalhados pela floresta e instruídos a permanecerem em silêncio, o grupo é alertado, como era de praxe, a denunciar qualquer movimento que indique um possível ataque do inimigo. É nesse ambiente de escuridão e silêncio que Bierce coloca à prova a tenacidade de Brainerd, e mostra, no final, o quão tênues são as estruturas racionais que constituem sua visão de mundo.

Conta a narrativa que em determinado momento, no silêncio da floresta, Brainerd percebe que, na escuridão da noite, ruídos que passam despercebidos durante o dia parecem mais altos e mais estranhos. Nota também que “estava fácil para sua imaginação ficar povoada com todo tipo de formas esquisitas, ameaçadoras, espantosas, ou meramente grotescas” e por isso “sentiu-se completamente sozinho... ele só o único, tolo questionador de seu eterno segredo”.¹² É durante esses momentos que nota um fecho de luz sobre um objeto que não tinha até então percebido – um cadáver. Aterrorizado, afasta-se, mas desse momento em diante sua percepção do ambiente começa a mudar. Aos poucos, o cadáver que lhe parecera naturalmente imóvel começa a fazer pequenos movimentos. É a partir desse momento que Bierce começa a discorrer sobre a luta interna do protagonista. Por um lado, acredita ser capaz de manipular seus medos ao racionalizar sobre a origem de sua apreensão. O texto fala que o lhe vem logo à mente é o fato de o medo ser o resultado de séculos de superstição e crença no sobrenatural:

O que herdamos como superstição nossos ancestrais bárbaros devem ter acreditado como fatos verídicos... A velha crença na malevolência do corpo foi perdida dos credos e até pereceu da tradição, mas deixou sua herança de terror, que é transmitida de geração em geração – é uma parte de nós tanto quanto nosso sangue e ossos.¹³

Vê-se aqui a luta entre a mente racional e as predisposições naturais do protagonista ao enfrentar aquela situação inusitada na floresta escura.

Brainerd tenta se recompor, mas por mais que tente, seus olhos insistem em se voltar para o corpo estendido o chão. Percebe então que o corpo inerte é de um soldado confederado, e isso parece aumentar ainda mais sua apreensão. Agora o corpo parece se mover e Brainerd sente sua mão, inconscientemente, agarrar a sua espada com tanta força que seus dedos começam a doer. Sua posição, que até então era neutra, muda e agora está inclinado para frente pronto para o combate. Mais uma vez racionaliza sua atitude e volta a refletir,

Talvez seja o fato de nossos ancestrais Centro-Asiáticos não terem o costume de enterrar corpos. Nesse caso é fácil entender o medo de cadáveres, que realmente eram uma ameaça e perigo. Espalhavam pestes. Crianças eram ensinadas a evitar os lugares onde eram enterrados, e a fugir se inadvertidamente se aproximassem de um corpo sem vida.¹⁴

Porém, mesmo com essa linha de raciocínio, Brainerd não consegue conter o terror que agora controla seus gestos e pensamentos. Pensa em fugir do lugar, mas não encontra

¹² BIERCE. *A Tough Tussle*, p. 300.

¹³ BIERCE. *A Tough Tussle*, p. 301.

¹⁴ BIERCE. *A Tough Tussle*, p. 302.

forças. Seus membros tremem, diz a narrativa, e de repente, um tiro é dado nas imediações. Isso é mais do que suficiente para fazer com que Brainerd se lance em direção ao soldado confederado, numa luta de vida ou morte. O conto termina com a guarnição atirando em várias direções, gritos e confusão e na manhã seguinte o capitão encontrando o cadáver de Brainerd junto ao do soldado confederado. Ao examinar o local, percebem, para a surpresa de todos, que Brainerd havia sido transpassado por sua própria espada e que o corpo do soldado confederado já estava em processo de decomposição. O corpo do confederado também contém cinco feridas recentes, o que indica a todos que os soldados haviam travado uma batalha intensa.

Como se vê, “Uma luta árdua” vai além do retrato mimético de uma cena de guerra ao tematizar, no drama de Brainerd, o aspecto biológico e instintivo da mente. Bierce retrata a mente como um agente atuando em conjunção com o corpo e toda uma gama de emoções humanas, rompendo assim como o dualismo cartesiano que coloca a mente e corpo em esferas distintas. No conto, o protagonista é colocado à prova e falha ao tentar usar métodos racionais para manter seus instintos e medos sob controle. Chega a buscar, em vários momentos, argumentos na ciência para justificar e controlar sua fraqueza: “Eu herdei isso (...) Acho que vai levar um milênio – talvez dez milênios – para a humanidade se livrar desta característica”.¹⁵ Ele invoca aqui a autodisciplina e conhecimento científico como escudo para sua sobrevivência.

Contudo, Bierce demonstra que apesar de seus esforços, Brainerd falha, pois processos mentais são muito mais complexos do que retrata a ciência. Maurice-Merleau Ponty, ao dissertar sobre a complexidade das percepções humanas, observa que sujeito e mundo são fundamentalmente inseparáveis e complementa apontando: “o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que é o próprio sujeito que projeta.”¹⁶ Segundo Ponty, o indivíduo, ao adquirir consciência, é lançado em uma realidade já pronta que no final acaba tornando-se, paradoxalmente, um projeto desse próprio sujeito. Isto é, ao interagir com o mundo, sujeito e realidade se misturam num vaivém de estímulos no qual não se pode distinguir claramente o que é *a priori* ou *a posteriori*. “Uma luta árdua” articula, dessa forma, uma visão fenomenológica da mente ao retratá-la não só como um agente receptor, mas também gerador de impressões e realidades. Há um processo de circularidade que se inicia quando Brainerd se depara com a realidade do corpo inerte, algo que ele naturalmente deplora, e se completa com a projeção de um inimigo imaginário. Se a princípio consegue manter o autocontrole, quando o contexto da floresta, sons estranhos, escuridão e vazio entram em ação, a maneira como passa a perceber o fenômeno diante de si muda. O que é um simples corpo sem vida passa a ser um inimigo pronto a atacar. Fenômenos da percepção, Bierce sugere, são mais complexos do que se comumente imagina. A mente, ao configurar e articular a realidade, nunca é um agente neutro, mas reflete, como reitera Davidson, o indivíduo com suas “superstições, condicionamentos passados e impulsos subliminais” que acabam determinando aquilo que o sujeito de forma ingênua “escolherá considerar como realidade externa”.¹⁷ Em

¹⁵ BIERCE. *A Tough Tussle*, p. 301.

¹⁶ PONTY. *Fenomenologia da Percepção*, p. 35.

¹⁷ DAVIDSON. *The Experimental Fictions of Ambrose Bierce: Structing the Ineffable*, p. 12-13.

“Uma luta árdua” Bierce apresenta, várias décadas antes, uma abordagem fenomenológica da mente ao mostrar Brainerd lutando contra algo que é ao mesmo tempo uma realidade externa e uma projeção de suas inclinações, medos e ansiedades. Aqui, sujeito e objeto se entrelaçam de tal forma que fronteiras distintas não podem ser facilmente estabelecidas.

Bierce continua examinando a relação entre mente e conhecimento, sujeito e realidade em “Uma ocorrência na Ponte Owl Creek” (“An Occurrence at Owl Creek”), conto que tem se tornado bastante popular em antologias. Aqui, as percepções e conceitos do protagonista acerca da guerra e sua suposta glória são também colocadas em xeque e justapostas à herança e bagagem cultural a que esse foi exposto. Contudo, o tema central da narrativa, como em “Uma luta árdua”, é a rejeição de uma visão idealista da mente e processos mentais, ou seja, mais uma vez Bierce reitera a noção de que a mente e corpo operam em sincronia ao apreender e interagir com estímulos internos e externos. Bierce vai além e salienta, inclusive, como o tempo, até então visto como algo objetivo, é na verdade um fenômeno marcadamente ligado ao indivíduo.

Em “Uma ocorrência na Ponte Owl Creek”, Bierce trabalha essas questões no dilema enfrentado por Peyton Farquhar, um fazendeiro rico do Alabama que não se alistou para lutar na guerra civil, mas que decide mesmo assim ajudar na causa confederada sabotando o reparo de uma importante ponte de acesso. Como dono de muitas terras e escravos, é um separatista e sente-se no dever de ajudar os soldados sulistas a combaterem o inimigo que cada dia mais se aproxima. Porém, não estar diretamente envolvido na batalha não quer dizer, sugere o texto, que não sonhe com as honrarias e distinções recebidas por soldados em combate. Pego em flagrante durante a sabotagem, Peyton é condenado a morrer por enforcamento na mesma ponte que pretende destruir.

Como em “Uma luta árdua”, a narrativa se concentra nos processos mentais do protagonista no momento quando o instinto natural por sobrevivência vai de encontro ao domínio lógico e racional da experiência humana. Nesse caso, o foco em particular é o estado mental do protagonista nos instantes que antecedem sua execução e morte por enforcamento. O texto menciona que assim que o soldado solta a prancha e o corpo de Peyton é lançado abaixo, a princípio tudo o que sente é uma dor aguda seguida de forte pressão em sua garganta. A sensação de sufoco o agoniza e à medida que a dor se espalha pelo corpo, sua temperatura sobe a um ponto intolerável. Percebe nesse momento apenas sensações, tendo toda a parte intelectual em si aparentemente apagada. De repente, ao sentir seu corpo oscilando como um pêndulo, vê uma luz o envolver juntamente com um som de contato com água. A capacidade de pensar lhe é restaurada e sabe então que a corda se rompeu e está nas águas do rio. Agora, já não luta mais para escapar da morte por estrangulamento e sim por afogamento, salienta o texto. Com menos esforço do que imaginava e apesar da forte dor em seus pulsos, braços e sensação de queimação em seu cérebro, ele se liberta da corda que o amarra.

Percebe então que seus sentidos estão em alerta, pois consegue distinguir seus arredores e as diferentes formas na margem do rio. Sua fuga também é notada pelos soldados que atiram contra ele sem parar. Peyton mergulha o máximo que pode, diz o texto, e as águas rugem em seus ouvidos como uma catarata. Sente inclusive os projéteis lhe tocarem o corpo, sem o ferir. Nessa luta intensa por sobrevivência, seu corpo toca em algo como areia e é então que percebe ter chegado ao outro lado do rio. Está agora livre e pode

voltar para sua casa são e salvo. Adentra a floresta e logo encontra o caminho que vai levá-lo de volta ao seio de sua família. Pode ainda sentir a dor em seu pescoço e descobre também que suas mãos estão inchadas assim como sua língua. Quando o cansaço parece dominá-lo, percebe que sua caminhada o levou ao portão de sua casa. A jornada havia sido longa, mas agora estava feliz ao abrir o portão e ver sua esposa caminhando em sua direção. Tudo parece estar se encaminhando para um final feliz. Porém, Bierce surpreende ao conduzir os eventos a um dramático e inesperado final. Ao contemplar a beleza de sua esposa e tentar se aproximar dela para abraçá-la, Peyton sente um choque na nuca e então “uma luz ofuscante o envolve seguido pelo som retumbante de um tiro de canhão – então tudo é escuridão e silêncio!” A narrativa termina com a seguinte observação: “Peyton Farquhar estava morto; seu corpo, com o pescoço quebrado, balançava gentilmente de uma lado para o outro sob as pranchas do ponte Owl Creek.”¹⁸

Como em “Uma luta árdua”, Bierce ilustra uma visão antidualista da mente ao projetá-la não como um agente neutro, desincorporado, operando fora da dimensão social e biológica na qual está inserida. Aqui, a mente não só interage como também dá formas e projeta suas próprias realidades. Esse princípio é ilustrado no modo como Peyton lida com o dilema que se depara. Durante a preparação para a execução, a narrativa não mostra em Peyton qualquer sinal de emoção ou resistência. Ele parece estar resignado a morrer pela causa que abraçara. Contudo, assim que seu corpo é lançado abaixo, o que Bierce retrata não são pensamentos aleatórios e difusos, mas a espetacular encenação de uma fuga e tentativa de retorno ao lar. Nessa nova realidade, Peyton se projeta como um guerreiro valente lutando contra o inimigo e saindo vencedor. O texto menciona que alguns segundos após a queda, “a parte intelectual de sua natureza foi apagada; ele tinha forças para sentir somente, e sentir era um tormento”.¹⁹ Porém, ao tentar se manter consciente, sente o retorno de seus pensamentos e é quando nota que “a corda havia se rompido e tinha caído no rio”.²⁰ A partir desse momento, não mais luta contra a morte por enforcamento, mas sim por afogamento. Nesta fuga espetacular, Peyton ainda pode sentir a dor, mas seu foco agora é manter-se vivo. Para isso, precisa ser mais inteligente que o inimigo, e nessa fuga imaginária, consegue tal proeza. Ao escapar de uma enxurrada de tiros, Peyton observa: “Não farão isso de novo. Na próxima vez farão uma descarga de metralha. Tenho que manter meus olhos no canhão e me guiar pela fumaça; quando ouvir o som já será tarde demais. O projétil é mais rápido.”²¹ Aqui, Peyton alia instinto de sobrevivência às táticas de combate que aprendera no passado. Em outros instantes da fuga, chega até a vangloriar-se de sua inteligência diante do fogo inimigo: “Que esforço esplêndido! – que magnífico, que força super humana! Ah, foi uma ótima tentativa! Bravo”.²² Como esses exemplos sugerem, as alucinações de Peyton não se compõem de pensamentos desconexos, mas refletem seu desejo de vitória e sobrevivência

¹⁸ BIERCE. An Occurrence at Owl Creek, p. 313.

¹⁹ BIERCE. An Occurrence at Owl Creek, p. 308.

²⁰ BIERCE. An Occurrence at Owl Creek, p. 309.

²¹ BIERCE. An Occurrence at Owl Creek, p. 311.

²² BIERCE. An Occurrence at Owl Creek, p. 309.

honrosa. Além disso, ele não só é capaz de ter forças para romper as cordas que o prendem, mas também de ser mais inteligente que seus inimigos. Se na vida real não havia se alistado para lutar na guerra, nesse novo contexto, a situação se inverte. Aqui ele é o soldado valente que enfrenta as forças inimigas independentemente da adversidade da situação.

Bierce prossegue retratando a mente como um agente interconectado com os desejos e interesses humanos ao mostrar Peyton tentando retornar para casa. Após ter escapado do fogo inimigo, o texto menciona que ele está em “total controle de seus sentidos. Estes estavam, na verdade, sobrenaturalmente acurados e alertas”.²³ Tendo vencido a primeira etapa, pode agora voltar a sua casa e receber o reconhecimento por parte de sua família e amigos. Chegara a hora de exibir seu feito perante a comunidade em que vivia. O texto fala que apesar da dor em seu pescoço, Peyton anseia muito pelo conforto de seu lar e filhos. O desejo de reunião e reconhecimento familiar não é satisfeito, pois, como a narrativa demonstra, no momento em que está para abraçar sua esposa, tudo termina e Peyton sucumbe à morte. Esses momentos finais vêm a constituir, desta forma, o ponto culminante da narrativa, pois aqui, como já observou Woodruff, se dá o confronto entre os processos racionais e os instintos humanos.²⁴ O final inusitado surpreende também o leitor ao perceber no final que a fuga de Peyton é uma projeção de sua mente. Com isso, Bierce parece querer alertar seus leitores do fato de que seus interesses e pré-disposições igualmente interferem em seus juízos de valor e interpretações da realidade.

Em suma, um exame das narrativas de Bierce como um todo, em especial suas narrativas de guerra, revelam um autor não apenas preocupado com representações fotográficas das batalhas e mazelas dos confrontos bélicos, mas também em se posicionar diante dos dilemas filosófico-literários de seu tempo. Aqui, ele questiona visões idealistas e dualistas da experiência humana ao retratar a mente como uma entidade ativamente engajada em configurações de mundo. Como os personagens e enredos discutidos ilustram, a separação entre mente racional e fenômenos de origem instintiva, biológica, é artificial e arbitrária. Mark G. Lakoff, ao comentar sobre o aspecto incorporado da mente observa que “a mente não é apenas incorporada, mas incorporada de tal maneira que nossos sistemas conceituais refletem as características comuns de nossos corpos e os ambientes em que vivemos”. Dessa forma, continua ele, “o resultado é que grande parte do sistema conceitual de um indivíduo está (...) disseminado através de culturas e linguagens”.²⁵ Lakoff desbanca aqui noções idealistas de mente e conhecimento ao realçar o aspecto dialógico dos sistemas conceituais que fazem parte da condição humana. Como visto em “Chickamauga”, Bierce desconstrói de forma semelhante os paradigmas idealistas de seu tempo ao retratar um protagonista cuja visão de mundo é marcadamente influenciada pelo ambiente e herança cultural a qual foi exposto. Em “Chickamauga” postulados do conhecimento não acontecem no vácuo, mas são influenciados tanto pelo meio quanto pelo indivíduo e suas particularidades. Em “Uma luta árdua” e “Uma ocorrência na Ponte Owl Creek” Bierce reitera essa posição ao conectar mente e corpo,

²³ BIERCE. *An Occurrence at Owl Creek*, p. 309.

²⁴ WOODRUFF. *The Short Stories of Ambrose Bierce*, p. 155.

²⁵ LAKOFF. *Philosophy in the flesh: The Embodied Mind and its Challenge To Western Thought*, p. 6.

operações intelectuais e estímulos físicos. O protagonista de “Uma luta árdua”, apesar de recorrer a todas as estratégias racionais possíveis, sucumbe ao confrontar seu lado humano e instintivo. Peyton, igualmente, projeta uma fuga espetacular nos segundos que antecedem sua morte por enforcamento, o que reflete assim não só seus instintos naturais, mas também seus mais profundos anseios e aspirações. O que se vê na prosa de Bierce é, portanto, o rompimento com noções dualistas da realidade por meio de uma abordagem na qual a mente é um agente incorporado que atua não só em conjunção com o ambiente sociocultural, mas também com o indivíduo e o vasto repertório de inclinações, pré-disposições e interesses humanos.



ABSTRACT

The short stories of Ambrose Bierce (1842 – 1914?) received little attention during Bierce’s time and today they still remain somewhat in the margins of the literary canon. One reason for such exclusion, according to scholars, was Bierce’s confrontational and belligerent temperament. His attacks on popular figures of the time as well as sarcasm and scorn towards cultural and literary trends are well recorded in the essays and editorials he wrote for the newspapers where he worked as a reporter and editor. The majority agrees, however, that it is the avant-garde and experimental aspects of his prose that have placed him outside the main literary circles of the late nineteenth-century. This essay aims at examining some of his war stories in light of this argument, namely, as narratives that were much ahead of their time in terms of thematic depth and world-view. This essay will examine, therefore, the textual and plot strategies Bierce employed to question the dualist views of mind and body prevailing in his time.

KEYWORDS

Bierce, realism, cognition

REFERÊNCIAS

- BARH, Howard W. Ambrose Bierce and Realism. In: DAVIDSON, Cathy N. (Org.). *Critical Essays on Ambrose Bierce*. Boston: Hall, 1982. p. 150-168.
- BIERCE, Ambrose. Fin de siècle. In: _____. *The Collected Works of Ambrose Bierce*. New York: Neal, 1911. p. 130-141. v. 10.
- BIERCE, Ambrose. The Short Story. In: _____. *The Collected Works of Ambrose Bierce*. New York: Neal, 1911. p. 247. v. 10
- BIERCE, Ambrose. Chickamauga. In: DAVIDSON, Cathy N. (Ed.). *The Complete Short Stories of Ambrose Bierce*. Boston: Hall, 1982. p. 313-318.
- BIERCE, Ambrose. An Ocurrance at Owl Creek. In: DAVIDSON, Cathy N. (Ed.). _____. *The Complete Short Stories of Ambrose Bierce*. Boston: Hall, 1982. p. 305-313.

- BIERCE, Ambrose. A Tough Tussle. In: DAVIDSON, Cathy N. (Ed.). *The Complete Short Stories of Ambrose Bierce*. Boston: Hall, 1982. p. 298-304.
- DAVIDSON, Cathy N. *The Experimental Fictions of Ambrose Bierce: Structuring the Ineffable*. Lincoln: University of Nebraska, 1984.
- JAMES, William. *Principles of Psychology*. Org. Frederick H. Burkhardt, Fredson Bowers, Ignas K. Skrupsekelis. Cambridge: Harvard University Press, 1981. 3 v.
- LAKOFF, George, Mark Johnson. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Book, 1999.
- MORRIS, Roy Jr. *Ambrose Bierce: Alone in Bad Company*. New York: Crown, 1995.
- PONTY, Maurice-Merleau. *Fenomenologia da Percepção*. 3. ed. Trad. Carlos Alberto R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- WOODRUFF, Stuart C. *The Short Stories of Ambrose Bierce: A Study in Polarity*. Pittsburg: University of Pittsburgh, 1964.